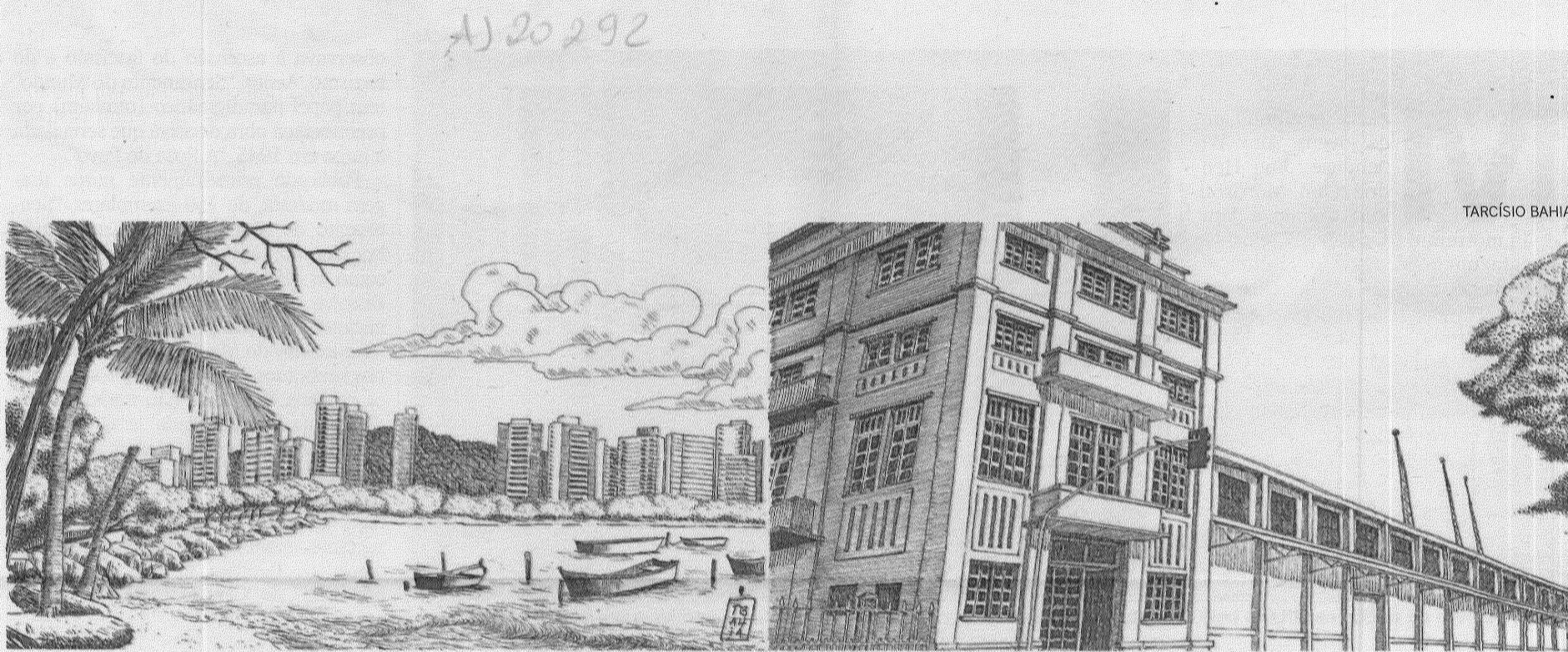


A CIDADE COMO PAISAGEM EM UM CENÁRIO FRAGMENTADO

Na visão de professor de Arquitetura, população deve reeducar o olhar e aprender a admirar a disritmia visual de uma Vitória que quer ser ao mesmo tempo presépio e cosmopolita

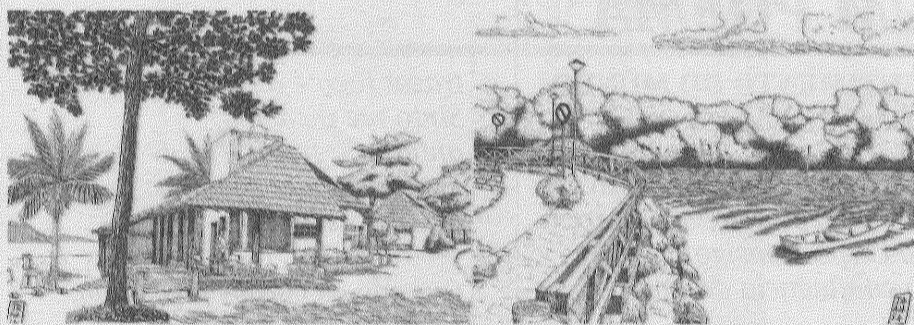


TARCÍSIO BAHIA

Talvez a melhor definição para o conceito de paisagem seja: “a porção visível da natureza”. Se a ideia de natureza pressupõe a totalidade do ambiente, isto é, o entorno físico natural, o termo porção faz referência a “uma parte de algo”, ou seja, apenas um pedaço do todo. Não é, porém, qualquer pedaço, mas aquele que conseguimos enxergar, afinal trata-se somente daquilo que é perceptível a nossa visão.

Contudo, não basta simplesmente olhar a natureza, sendo necessário senti-la de modo poético. Portanto, a paisagem não é outra coisa senão um fragmento do mundo no qual, ao ser contemplado, nos sensibiliza. A paisagem emana sensações que, percebidas pelos nossos sentidos, mudam o nosso estado de espírito, alteram o nosso humor, seja para o bem ou para o mal. Afinal, paisagens podem ser bonitas ou feias, harmônicas ou caóticas, fragmentadas ou uniformes. A uniformidade, por exemplo, pode ser tanto associada ao mar infinito como a um deserto, cuja visão pode ser subliminar, provocando angústia pela nossa pequenez em relação ao mundo, ou fascinante, seduzindo-nos diante da grandiosidade da natureza.

Mais ainda: um mesmo ambiente pode resultar numa paisagem ora fragmentada, ora homogênea. Se estivermos caminhando no meio de uma floresta, a variedade de espécies determinará uma paisagem diversificada, no entanto, num avião, ao sobrevoarmos essa mesma floresta, vemos uma paisagem uniforme.



No alto, vista da Praia do Canto, desde a Ilha do Frade e, à direita, do Porto de Vitória; acima, vista da Curva da Jurema e do Canal da Passagem

Já em relação às categorias, são três os tipos de paisagem: natural, rural e urbana. No século XXI, com quase todo o território do planeta transformado pelo homem, a paisagem natural quase não existe mais, restando-a apenas em cantos remotos da Terra, cujo acesso e sobrevivência humana se fazem difíceis. Aquilo que chamamos de interior, isto é, lugar longe dos grandes centros urbanos, corresponde na verdade a uma paisagem rural. A despeito da enorme quantidade de matas, cursos d'água e animais, não se trata realmente de uma paisagem natural.

Graças ao estressante cotidiano diário, a população das grandes cidades se sente atraída pela bucólica paisagem rural, mais próxima da ideia de vida paradisíaca. Ocorre que foi o próprio homem quem, ao desafiar o ser divino, buscou um lugar fora do Paraíso. A partir de então, resta-lhe construir sobre o território um ambiente no qual possa se desenvolver social e

plenamente enquanto indivíduo. E a cidade foi a resposta do homem ao seu destino terreal.

Desordem

Em geral, nossas cidades sempre foram mal planejadas. Entre as várias consequências desse processo está a ocupação de solo de forma descontrolada, cujo resultado é uma paisagem urbana caótica. Caos significa desordem, daí ser possível pensar na ideia de que repudiamos uma paisagem desordenada e, por outro lado, preferimos uma imagem de cidade organizada e unívoca. Deseja-se ordem e clareza, a linha reta é preferível à sinuosa, somos atraídos pela ortogonalidade em detrimento de tensas angulações.

Mas seria o espaço ordenado, seguro, idealizado a partir de uma geometria cartesiana o desejável aos lugares? Os quarteirões retangulares da

Praia do Canto proporcionam uma urbanidade melhor que as ruas labirínticas da Cidade Alta no Centro?

A cidade moderna, mesmo opondo-se à cidade histórica, ainda pensou num modelo hegemônico e universal capaz de dar conta da sociedade da era da máquina. A solução proposta foi a da justaposição de espaços. Na cidade contemporânea, porém, o que ocorre é a sobreposição de espaços, num processo descontínuo, fragmentado e veloz. A cidade de hoje é feita de prédios de escalas e épocas distintas, coexistindo num mesmo espaço.

O resultado é uma paisagem instantânea. Nossas janelas agora, sejam elas em casa, no carro ou no tablet, são dinâmicas, sobrepondo lugares cuja temporalidade já não se faz mais linear. Assim, pelos recortes intersticiais dos prédios, descobrimos fragmentos da Pedra dos Olhos ou da Ilha do Boi. A Terceira Ponte e a da Passagem dão novos significados paisagísticos ao Morro do Convento e ao Canal de Camburi, estabelecendo-se como contrapontos aos elementos naturais da paisagem.

A população das cidades da era pós-industrial, como é o caso de Vitória, ainda convive com a ideia melancólica de uma saudosa paisagem histórica em conflito com a transformação contemporânea do seu território. Mas a paisagem não se constrói de modo excludente. À sua transformação, nos cabe uma reeducação do olhar, aprendendo a admirar a disritmia visual de uma cidade que quer ser presépio e cosmopolita ao mesmo instante.